

Escolas do povo

VILSON ANTONIO RODRIGUES BILHALVA (*)

24 DEZ 1996

Asíntese da educação no Brasil há muito tempo é acaótica e, aliada à explosão demográfica, é apontada, por integrantes dos mais variados segmentos da sociedade, como um dos grandes fatores causadores das crises sócio-econômicas que o Brasil vem enfrentando ao longo de décadas.

A questão preocupa governantes, legisladores, educadores, pais e alunos, mas a realidade demonstra que nada de muito concreto vem sendo feito para reverter esse quadro.

A educação no Brasil atinge, hoje, apenas aos fins a que foi instituída, ou seja, alcança as elites, o que significa impedir a desmarginalização das camadas mais pobres da sociedade, da grande massa. Mas quem são os integrantes dessa grande massa? São os operários - metalúrgicos, pedreiros, carpinteiros, hidráulicos, domésticos, rurais, etc - as donas-de-casa, os aposentados e os idosos.

Dados estatísticos revelam que o problema não se centraliza no acesso à escola - haja visto que, no Brasil, 90% das crianças são matriculadas na escola primária - mas na evasão escolar. Cum-

pre, portanto, questionar: qual a origem desse problema? o que provoca este alto índice de evasão escolar? A qualidade do ensino? o desespero dos educadores? A situação de miséria em que vivem milhares de famílias brasileiras? Ou a inadequação do ensino?

As pesquisas vem demonstrando que a evasão escolar decorre, na maioria dos casos, dos elevados níveis de repetência, fruto de um sistema educacional deficiente, a começar pelo desprestígio ou despreparo da carreira docente. Porém, não tocam no problema básico: a necessidade de um ensino técnico profissionalizante condizente com o mercado de trabalho e a realidade nacional.

Prevaleceu nos últimos anos, uma política educacional quantitativa, que configurou um sistema escolar

inadequado ao momento histórico recente, atual e ao futuro do país, em detrimento da qualidade do ensino e da profissionalização dos trabalhadores e da grande massa da população. Um quadro totalmente inadequado à nossa realidade sócio-econômico-cultural.

É indispensável, portanto, introdu-

zir um novo modelo de ensino profissionalizante em nosso país. Pesquisas realizadas demonstram que a grande parte dos trabalhadores engajados no mercado de trabalho denota surpreendente desqualificação para o desempenho de suas atividades, a ponto de podemos dizer que nossa força de trabalho está num gradativo processo de sucateamento. Sem dúvida, o desenvolvimento econômico requer, além da formação de uma elite profissional e intelectual, a preparação de uma mão-de-obra capaz de absorver conhecimentos profissionais práticos para exercer as diferentes atividades produtivas nos vários segmentos da economia e da prestação de serviços.

Impõe-se, pois, urgente, a reformulação do plano de ensino profissionalizante no país, capaz de oferecer a adequada preparação de nossos trabalhadores, a fim de acompanhar o avanço tecnológico dos meios de produção, com a efetiva participação das entidades sindicais na formação continuada da classe obreira, com a cooperação de instituições voltadas ao ensino profissional.

É necessária a reconstrução da ba-

se da pirâmide, formada, evidentemente, pela parte hipossuficiente, na relação capital-trabalho, ou seja, os trabalhadores. De ressaltar que essa reconstrução não se fará, obviamente, pelo ensino teórico, elitizado, acadêmico, mas sim pelo ensino técnico, profissionalizante, "direto do povo para o povo", "do trabalhador para o trabalhador": torneiro-mecânico formando torneiro-mecânico, pedreiro treinando sevante, hidráulico educando hidráulico, e assim sucessivamente. Para tanto, é indispensável que o sindicalismo encampe essa bandeira, exigindo que sejam facilitadas às federações de trabalhadores meios de possuírem suas próprias escolas, adequadas a cada categoria profissional, tendendo, precipuamente, às necessidades respectivas e peculiares de cada uma dessas categorias, com o mínimo de ensino teórico, ou seja,

Alex Leal

que a teoria sirva, unicamente, para melhorar a qualidade e a profissionalização da grande massa da população, aumentando a percepção da realidade nacional e, principalmente, contribuindo para o crescimento e aprimoramento profissional do trabalhador e, consequentemente, para a melhoria da qualidade da produção.

Educação
JORNAL DE BRASÍLIA

